

«O mundo está cheio de gente de talento que não sabe como deve pensar.»

VOLTAIRE

ANO XV N.º 367

MARÇO — 21
1 9 6 7

QUINZENARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Tel. 22319 — Rua do Município, 12 — FARO

DIRECTOR
Jaime Guerreiro

EDITOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULE

NOTAS DA QUINZENA

Dom Miguel I

Decidiu o Governo e com aplauso da nação consciente, pelo menos daquela que se tem debrugado, sem preconceitos e sem ideias feitas, sobre a História, fazer terminar o exílio que o ódio impuzera, mesmo para além da morte, ao mais popular e por ventura a um dos mais iluminados portugueses dos Reis de Portugal.

Para os homens de minha geração, em quem, desde a escola primária, instilaram as falsidades e torvos parcialismos que recheavam os compêndios de História de Portugal de Jaime de Ségurier, de Chagas Franco e Aníbal Magno e outros por onde então se «ensinava» aquela disciplina, D. Miguel I era uma espécie de arruaceiro de esquina, um despotá ou um Rei que pretendeu governar livre das peias dos organismos tradicionais e que só sabia de cavalos e de toiros.

Todavia, aqueles que por inde ou por mera curiosidade sobre os factos históricos se debruçaram sobre a verdadeira História, há muito haviam reconhecido que a legitimidade de D. Miguel I era indiscutível e o seu português exemplar e o seu senso governativo inultrapassável.

Bem haja o Governo por continuar, com lógica, a obra das restaurações nacionais. Oliveira Martins a quem ninguém pode acusar de Miguelismo

Cinquentenário das Aparições de Fátima

Celebra-se de 9 de Maio de 1967 a 13 de Maio de 1968 com diversas solenidades o Cinquentenário das Aparições de Fátima, das quais se destacam dois congressos internacionais no mês de Agosto, um em Lisboa e outro em Fátima.

A fim de recordar o altíssimo significado da Aparição de Nossa Senhora de Fátima, publicou o Episcopado, uma Pastoral colectiva.

Também em Mónaco, o P. José Galamba, de Olveira na sua qualidade de Vice-Presidente da Comissão Central das Aparições de Nossa Senhora de Fátima, apresentou uma comunicação que foi escutada com o maior respeito pela selecta assistência.

Panorâmicas... de Loulé

Conheci em Loulé várias figuras típicas populares, isto é, daquelas pessoas que toda a gente conhece pelas suas excentricidades.

Uns, eram pessoas que pela sua entranhada predileção pelo álcool, davam nas vistas por andarem constantemente bêbados e serem explorados pelos seus ditos, por vezes espirituosos. Serviam-se, muitas vezes deles, para lhes segredarem críticas a este ou aquele, sobre vários aspectos da vida social ou política da terra e, como eram pessoas a quem se não podiam pedir responsabilidades, tornavam-se arautos públicos de boatos ou ditos maledicentes.

A lista destes tipos ou figuras populares seria extensa e le do menino «Crocéfalo», ao Vanês, passando pelo Ribeiro, ao José Chibato, célebre tocador da gaita de belcos.

Posteriormente assumiu grande categoria no tipo popular o Zézinho Titorreia — José de Freitas Alvina, que conduzia multidões atrás de si, para ouvir a «sua palavra» em geral, discursos em que se contundiam várias ordens de ideias de um paradoxal significado.

Este falava muito convencido

escreveu — «a legitimidade de D. Miguel está para nós na unanimidade com que era aclamado. E a legitimidade do Mestre d'Aviz».

D. Miguel convocou e obedeceu às Cortes, de que se fazia Tábua rasa há muito tempo, designadamente por Pombal, tão querido por aqueles que denegriram o último Rei da 1.ª Dinastia de Bragança.

O ódio era à insuetação ao estrangeiro, especialmente aos ingleses, nossos «amigos» no estilo de sempre e a que D. Pedro foi tão dócil.

Lia-se a correspondência do diplomata inglês, Sir Frederick Lamb que em nota ao seu Governo mostra bem os intuições da guerra civil que dividiam os portugueses há 130 anos.

Leia o leitor: — «Voltar as nossas vidas para D. Pedro e até convidá-lo a comparecer para derrubar uma autoridade (D. Miguel) que está libertando este país (Portugal) da dependência em que se encontrava em relação ao nosso...».

John Bull e Tio Sam

Dois símbolos com laços comuns.

Noticiaram os jornais que a C. I. A. (sigla que designa certos serviços secretos dos E. U. A.) espalhou cornucópias de dólares pelas associações de estudantes de vários países, entre os quais os de Portugal, para, nos anos findos, promover greves e distúrbios.

Sabe-se que o Comité of África fornece fundos aos terroristas.

(Continuação na 2.ª página)

JORNALISTA Silva Martins

Dois jornalistas portugueses, o nosso prezado conterrâneo Silva Martins e José Agostinho das Neves, fazem parte da direcção, para o ano de 1967, da Associação da Imprensa Estrangeira em Fátima.

Pela primeira vez, dois jornalistas da mesma nacionalidade ocupam cargos directivos na Associação.

O nosso conterrâneo, Silva Martins, que está em França há cerca de 16 anos, é correspondente do «Comércio do Porto» e colabora em muitos órgãos da Imprensa regionalista portuguesa, e já por várias vezes nos tem honrado com o brilho da sua apreciada colaboração. Tendo ido para França muito novo, licenciou-se em Direito pela Universidade de Paris.

OS FESTEJOS EM HONRA de NOSSA SENHORA DA PIEDADE

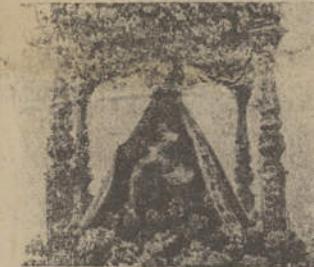
Vão ter realização nos dias 9 e 10 do próximo mês de Abril as tradicionais festas de Nossa Senhora da Piedade de Loulé, com o brilhantismo e entusiasmo que costumam assumir.

Prevê-se farta concorrência de fiéis e peregrinos estando a elaborar-se o respectivo programa que, em nada desmerecerá dos anos anteriores.

A Nossa Senhora da Piedade descerá em procissão no Domingo de Páscoa da sua Capelinha para a Vila e manter-se-á durante os 15 dias à veneração dos devo-

tos realizando-se novenas e tríduos enquanto estiver em exposição na igreja de S. Francisco.

Porque os réditos das propriedades do Santuário ficam cativos da obra do novo edifício e porque as dívidas são uma forma elevada de manifestar e apurar o culto da Mãe Soberana, sugerimos que os devotos voltem este ano a contribuir para as festividades pela mesma forma como o fizeram há 25 anos.



Valerá a pena emigrar?

Por ANÍBAL DE SOUSA

Sob este título publicou recentemente o «Século Ilustrado» um depoimento de Manuel de Lima com fotografias de Vladimir Kovalsky.

O problema em foco é a vida dos emigrantes portugueses da zona de Champigny que proliferam como cogolhos em monturos, principalmente na periferia das zonas urbanas e suburbanas da cintura do Tejo, e espalhados por Chelas, Casal Vento-

pigny, que nos envergonha aos olhos dos franceses, mas que, apesar de tudo, constitui uma fonte de divisas e um meio de promoção social, ou dos inúmeros «Bairros da Lata» que proliferam como cogolhos em monturos, principalmente na periferia das zonas urbanas e suburbanas da cintura do Tejo, e espalhados por Chelas, Casal Vento-

(Continuação na 2.ª página)

Fala-se do confrangedor e escandaloso espetáculo que aquela cidade de lata oferece, e que constitui, segundo o articulista, a negação do espírito da emigração.

Para nós, louletanos, que raros somos os que não temos um emigrante na família, o problema reveste-se de especial interesse na medida em que lhe conhecemos as mais diversas facetas, não a partir de estatísticas ou de relatórios ociosos, mas da observação directa, dos exemplos que tão abundantemente nos cercam e dos nossos próprios familiares e amigos.

O conhecimento que temos do problema da emigração vai das suas origens aos seus resultados práticos. Sintamos-lhe os efeitos nos campos, na pequena indústria de que dispomos e nos nossos lares. Sintamos os seus efeitos na desgraça e na dor dos nossos amigos, mas também os sentimos nos chalés, nas vivendas, nos automóveis e no novo aspecto que o processo agrícola começa a tomar em certas zonas.

Não é novidade para nós que os nossos compatriotas vivem em Champigny em miseráveis condições, piores, por certo, das que teriam em Portugal. Também não ignoramos que esse sacrifício tem uma bem diversa retribuição.

Talvez isso nos surja uma premente dúvida: — Que problema carecerá de mais urgente solução, o do «bidonville» de Cham-

pigny, que nos envergonha aos olhos dos franceses, mas que, apesar de tudo, constitui uma fonte de divisas e um meio de promoção social, ou dos inúmeros «Bairros da Lata» que proliferam como cogolhos em monturos, principalmente na periferia das zonas urbanas e suburbanas da cintura do Tejo, e espalhados por Chelas, Casal Vento-

(Continuação na 2.ª página)

Hoje, já não é preciso recorrer às figuras populares para lançar qualquer ato de boato porque há até profissionais da «arte».

Vamos ter, dentro em pouco, a festa da Mãe Soberana, com habitual brilho e imponência. Para a procissão veremos o andor rejuvenescido, pintadinho de novo, mercê da generosa ajuda de um subido da Grã-Bretanha. Custou essa reparação perto de 15 contos e foram adquiridas novas lanternas para acompanhar o arranjo do andor que importaram em mais 5 contos.

Assim, além destas obras de rejuvenescimento e solidez do andor, vamos ter uma maior solemnidade, na procissão, com o concurso de uma nova comissão que está a trabalhar para que a festa tenha o maior esplendor.

Este falava muito convencido

da azeitona, do figo, etc. Têm depois os serrenhos, esses tipos característicos das serras esmagadoras, agrestes e desoladas que descem das suas serras com seus trajes típicos até ao povoado, à vila ou à cidade; logo temos a mulher que vem à vila no burro com seu indispensável chapéu de aba direita, e vistosos e ricos alforjes no seu burro.

Mas deixemos o campo e a serra e caminhamos em direção ao mar e então é o pescador que

(Continuação na 2.ª página)

Cartas... de emigrantes

O EMIGRANTE PORTUGUÊS EM FRANÇA

A vida do emigrante português em França agrava-se dia para dia, não só pela abundância de emigrantes de outros países como pela abundância de mão-de-obra que se tem feito sentir nos últimos anos. Como é do conhecimento de todos a maioria do emigrante português em França encontra-se a trabalhar na construção civil, mas com tanto que se tem construído, forçosamente, teria que se chegar a um ponto de saturação e é precisamente esse que se começa a sentir. Ainda há muito que fazer, mas nota-se que há excesso de braços de trabalho para o que resta fazer. Mesmo assim todos os dias estão chegando de Portugal mui-

tos trabalhadores. Bom seria que antes de partir se informassem bem das condições que para aqui vêm. Ainda há pouco tempo ao dar uma volta pelos arredores de Paris e ao visitar os bairros de Champigny, La Courneuve, Subervillier, Nauterre e St. Denis, onde vivem milhares de portugueses e para onde se vão dirigindo a maioria dos que vão chegando, lá encontrei vários compatriotas a viverem em barracas que para animais e em Portugal poucas condições teriam. Muitos deles são casados e cá vivem com suas mulheres e filhos.

(Continuação na 4.ª página)

QUER ACOMPANHAR-ME?...

XV

Vamos hoje ver donde vinham os presentes que recebiam os componentes da Colegiada de S. Clemente de Loulé. Segundo o mapa das Memórias, de Baptista Lopes, que já lhe citei na última conversa, havia várias proveniências.

Os vencimentos do Prior e de três dos Beneficiados eram pagos pela Comenda. Outros dois Beneficiados eram pagos pela Massa Grossa. Era esta que pagava também ao Tesoureiro a cevada que este recebia e metade do mais, sendo a outra metade paga pela Comenda. Quanto ao Beneficiado Curado, a indicação é algo confusa, pois diz: «Metade do trigo e 5\$000 réis pela Massa Grossa». E surge a pergunta: E a outra metade? Mas, como só vemos duas proveniências para os outros, deve-se entender que estaria também a cargo da Comenda o que a Massa Grossa não lhe dava.

E perfeitamente legítima a sua observação. Não estou a empregar a palavra comenda no sentido de condecoração (há muito boa gentinha que daria «a pele e a vida» para ser o senhor Comendador...).

Eu lhe digo. Está certamente lembrado que a paróquia de S. Clemente pertencia à Ordem de S. Tiago. Isto quer dizer que a Ordem tinha o Padrão da igreja, com os respectivos direitos e obrigações. E uma destas era sustentar, pelo menos em parte, o clero que a servia. Para isso destinava a Ordem um certo número de bens, que encorrendava à administração de um seu cavaleiro e a essa administração se chamava a Comenda. O comendador podia tomar desses bens a sua matança, devendo empregar o resto no serviço da igreja. Já fica sabendo o que era a Comenda, que pagava uma

parte do pessoal da Colegiada da Matriz. Precisamente, no Museu Arqueológico de Faro, existe uma parte de um arco de pedra, colhido há anos para os lados do Ameixial pelo falecido dador desse Museu, José Rosa Madeira, onde se lêem, por baixo dumas cruzes, as letras:

C O M D E S C L E M
Julgo poder interpretar-las como — Comenda de S. Clemente e este devia ter um dos marcos que delimitavam as terras dessa Comenda. Ignoro o sítio exacto onde a pedra foi encontrada e se na toponímica local há qualquer nome que se prenda com este assunto.

A outra expressão que lhe «deu no gato» foi a de «Massa Grossa». É pitoresca como quase tu-

(Continuação na 4.ª página)

A ALTA DE PREÇOS e a vida em Portugal

No restaurante, nas compras do dia-a-dia, nos transportes, no vestuário, no calçado, verifica-se uma subida generalizada de preços — não um aumento súbito, mas progressivamente lento. E é, sobretudo, a alimentação — o peixe, a carne, os ovos, o leite, as frutas — que parece absorver, no mesmo plano das rendas de casa, a maior parte dos salários.

Ora quando se dá uma subida generalizada do nível de preços como a que tem sido registada no nosso país, pode acontecer um fenômeno designado por inflação. Estará, assim, Portugal a viver sob uma pressão inflacionista?

(Do «Diário Popular»)

Postal de Faro

Constituiu o mais assinalado éxito a permanência nesta cidadela da exposição itinerante «Exploração Espacial», promovida pelo Centro de Estudos Astronáuticos da M. P. em colaboração com a Embaixada Americana.

— Regressou de Espanha onde permaneceu durante 15 dias em missão oficial de visita às zonas mais atingidas pela peste escura o sr. dr. Manuel Elias Trigo Pereira, Intendente de Peçúria neste distrito.

— Com vista à disciplina e orientação do trânsito, têm estado a ser introduzidas várias alterações no tráfego rodoviário na cidade.

— Os 10 anos de profícua actividade do Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve vão ser assinalados com vários actos, que constituem a certeza

da vitalidade deste agrupamento que merece o apreço de todos.

— Assumi as funções de redactor do «Noticiário Algarvio», rubrica transmitida diariamente pelo Emissor Regional do Sul, o sr. Libertário dos Santos Vieira.

— Com um almoço de confraternização comemora-se no dia 18 de Março o 35.º aniversário do Banco do Algarve, instituição com amplos serviços prestados ao progresso provincial.

— No domingo, dia 12, disputa-se a prova pedestre «V Circuito à cidade de Faro», organizada pela Associação de Atletismo de Faro.

— Está assente a realização de novo este ano das Festas da Cidade de Faro, com um programa cuidadosamente elaborado.

João Leal

R. P.

COSTUMES E TIPOS ALGARVIOS

(Continuação da 1.ª página)

aparece ante os nossos olhos, mãos calejadas, rosto marcado pela tempestade, junto dos seus lindos e elegantes barcos ou concertando as redes. Ainda nos costumes incluiremos o carro de capota, os carros simples com suas belas pinturas e as tradicionais carrinhas de panos.

Lembremos ainda aquele camponês que vem de volta do mochilão e cavalo no seu burro, carregado de sacos de farinha por caminho ladeado de fintas que o conduzem a casa. Estes são alguns que nos ocorrem no momento, mas tantos haveria a citar que se torna impossível enumerá-los. Tudo isto é Algarve, e tudo isto é a típica, tradicional e germina alma algarvia.

Eis, pois, em breve e sumário apontamento alguns dos mais originais, interessantes e expressivos costumes deste rincão azul, verde, branco e domado de incomparável beleza, que é sem dúvida o mais meridional de Portugal.

M. L. A.

Valerá a pena emigrar?

(Continuação da 1.ª página)

so, Furnas, Alcântara, Campolide, Urmeira, etc., profanam na sua chocante miséria, igualmente escandalosa, a nossa bela Capital.

Embora Herculano o afirmre, o emigrante não é um resignado. Se o fosse não teria emigrado. O emigrante que nós conhecemos, será antes um abnegado que se submete a intraduzíveis sacrifícios e agruras, longe da sua Grel, para proporcionar aos seus filhos o dom da cultura, à sua família a ventura dum tecto decente e às suas terras a glória duma nora.

As hordas migratórias que dentro nós têm buscado a França oriundam por via de regra das camadas menos favorecidas do nosso povo e apenas grangeiam ocupação em tarefas boçais como a Construção Civil. A sua vida em França debate-se num dilema: ou vivem em condições precárias e conseguem amealhar o almejado pécúlio, ou se deixam aliciar pelo nível de vida francês e vivem «à francesa» com poucas possibilidades de economizar o que pretendem.

Será, ou não óbvio o interesse francês de integração social dos emigrantes? Ou será que vêm na torrente de divisas que lhes sais dos cofres, por essa via, um antídoto infacionista?

Segundo os próprios franceses, quase todos os emigrantes se deixam integrar na sua sociedade. Entre os maiores relutantes encontram-se os portugueses, que se agrupam conforme podem, formando, por vezes, aglomerados à margem dos mais elementares princípios de salubridade.

Desta renitência dos nossos parentes podem os sociólogos tirar as conclusões que entenderem e os nossos demagogos procurar solucionar ou remediar a seu modo que uma verdade, eminentemente axiomática, subsistirá: o elevado sentido patriótico dessa gente rude; o seu arreigado apego à sua terra e à sua gente; um congénito e primitivo amor à família e à Pátria que não se vislumbra razão em se recuar perante os emigrantes regressados uma classe contra Portugal e a necessidade de os doutrinar no seu próprio exílio no respeito pelas instituições que eles já veneram, provando-o retumbantemente o seu regresso ao torrão natal na antítese absoluta do filho pródigo.

Fugirá da realidade quem pretender que a emigração não se situa entre os maiores pertinazes problemas coetâneos portugueses. No Algarve, assume proporções especiais, tanto quanto, aliando-se ao turismo, accentua o desequilíbrio no binómio poder de compra - bens produzidos.

Urge, indubbiamente, solucionar o caso. Todavia, quer-nos parecer que a solução se deve aplicar, não nas zonas para onde o emigrante afliui, mas nas de onde ele sfunde.

Pois não serão verdade que, se pretendermos arrancar uma árvore puxada pela rama, apenas esta nos ficará nas mãos?

Aníbal de Sousa

EMPREGADO

Rapaz, livre do serviço militar, encartado, c/ carta de ligeiros e pesados, profissional, deseja emprego compatível.

Nesta redacção se informa.

A VOZ DE LOULE
N.º 367 — 21-3-1967

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 27 do próximo mês de Abril, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca e nos autos de execução de sentença com processo ordinário n.º 142-B/62 da 1.ª secção, em que é exequente José Pires Guerreiro e que agora prosseguem a requerimento do Ministério Público, por virtude de dívidas à Fazenda Nacional e a Juiz e executados Custódio José Guerreiro Matias Longuinho e mulher Marilia Lourenço Coelho, ele comerciante e actualmente ausente em parte incerta e ela doméstica, residente no povo e freguesia de Boliqueime, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido, acima do valor que adiante se indica, o seguinte direito de sua propriedade respeitante ao:

PREDIO

Urbano, que se compõe de uma morada de casas para habitação, dependência, forno, cisterna e quintal, no povo e freguesia de Boliqueime, o qual vai à praça no valor de 10.000\$00.

Loulé, 17 de Março de 1967

O Escrivão de Direito,

(a) João do Carmo Semedo

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito

(a) João Pedro Gomes Lopes da Cunha

EMPREGADA PRECISA - SE

Nesta redacção se informa.

A VOZ DE LOULE
N.º 367 — 21-3-1967

ANÚNCIO

1.ª publicação

INOCENCIO DOS REIS RAMOS, Chefe da Repartição de Finanças do concelho de Loulé

Faz saber que no dia dezoito de Abril próximo às quinze horas, no povo de Boliqueime, dentro do concelho, na oficina de serraria pertencente a Joaquim da Conceição Carrasco, se procederá à arrematação, pelo maior lance oferecido, do seguinte camião de carga.

Camião de carga N.º CB-54-34, licenciado para o exercício da indústria de transportes de aluguer, marca Barreiros, modelo Azor - 4m 025 - 1964, com o peso bruto de 13400 quilos, utilizando gasóleo e em regular estado de conservação, sendo a base de licitação de dez mil escudos.

Este camião vai ser posto em praça, por virtude de execução fiscal que a Fazenda Nacional move contra Arnaldo de Brito, residente em Cacela, mediante autos de carta precatória proveniente da Repartição de Finanças de Vila Real de Santo António, que correm seus termos nestas Repartições de Finanças, podendo ser visto no local onde se encontra, na aludida oficina de serraria, de Joaquim da Conceição Carrasco, que é o fiel depositário.

Pelo presente são citados os credores desconhecidos, bem como, os sucessores dos credores preferentes.

Repartição de Finanças do concelho de Loulé, 11 de Março de 1967

O Chefe da Repart. de Finanças
Inocêncio dos Reis Ramos

+

Agradecimento

Manuel Rocheta Gomes

Sua família, na impossibilidade, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, de agradecer directamente a todas as pessoas que a acompanharam no doloroso transe por que passou, e às que se dignaram acompanhar à última morada o saudoso extinto, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Belarmino

TELEFUNKEN

MENOS PROFUNDIDADE
MELHOR IMAGEM

LIGUE E PRONTO...
...OICIA!
QUALIDADE INSUPERÁVEL

MAIS DO QUE UM RÁDIO...
...UMA MARAVILHA!

AGENTE EM LOULE:
MOTOLUX, L. DA

Vendem - se
Automóveis
e Furgonetas

DE DIVERSAS MARCAS

NOVOS e USADOS

Os melhores preços

As melhores condições

VENDE E COMPRA

JOSÉ PEDRO ALGARVIO

Telef. 45 LOULE

TURALGARVE
Agência de Turismo Algarve

Encarrega-se da venda e marcação de lugares para a carregagem especial agora estabelecida pela C. P., directa de Faro a Hendaye (França) todas as quartas-feiras.

PARA MAIS INFORMAÇÕES DIRIGA-SE A

TURALGARVE
AGÊNCIA DE TURISMO ALGARVE

PRAÇA DA REPÚBLICA, 98-100

LOULE

NOTAS DA QUINZENA

(Continuação da 1.ª página)

tas que nos provocam no nosso Ultramar.

Isto é feito, ao que parece, com perfeito conhecimento dos «mais altos» responsáveis pela governação da nação Yanki.

O mais curioso é que a C. I. A. não financia só as associações de estudantes ditos das esquerdas de certos países. Ajuda os extremistas.

Conclui-se que não faz por idealismo para auxiliar o desenvolvimento e difusão da «democracia».

O fim visado é, afinal, fomentar a desordem, desautorizar e enfraquecer os governos, para que os países visados fiquem mais facilmente à mercê do dólar e do comércio judaico norte-americano.

O nosso «amigo» Tio Sam é um bom velhaco!

Já na palhota do Gungunhana foi encontrada pelo herói Mousinho, há mais de 60 anos, uma taça de prata com a inscrição «From Queen Victoria», a rainha dos nossos «amigos» ingleses.

«Querido» e preimoso John Bull!

A política destes tartufos não mudou, os rótulos que são diferentes.

E ainda há ingénuos que pensam que isso é tudo em nome da democracia e para bem da democracia!

D'gnos sucessores dos Draks, estes filhos de... Tio Sam!

Campanha de «Novidades»

Este prestigioso dário alertou o País quanto à invasão de publicações pornográficas que alastram pelo País e as autoridades parecem que tomaram consciência da gravidade do problema.

COFAL

- Concentrados de Frutas
do Algarve, Lda.

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura lavrada no dia 6 do corrente mês, de fls. 26 a 28 v.º, do livro B-34, do notário do 1.º Cartório da Secretaria Notarial de Faro, abaixo assinado, foi reforçado o capital da sociedade em epígrafe, com 270 000\$00, e alterado o art. 2.º respectivo pacto, que foi substituído pela redacção seguinte:

«Art. 2.º: — O capital social é de 720 000\$00, integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores sociais e representados por 7 quotas, assim distribuídas:

— Herculano Alexandre de Melo, com uma quota no valor nominal de 144 000\$00;

— Alexandre Herculano Costa de Melo, com uma quota do valor nominal de 96 000\$00;

— Miguel Romão Sequeira Machado, com uma quota do valor nominal de 120 000\$00;

— Manuel Romão Sequeira, com uma quota do valor nominal de 120 000\$00;

— António Pratas Palitos, com uma quota do valor nominal de 30 000\$00;

— António José de Brito Palitos, com uma quota do valor nominal de 80 000\$00; e

— Manuel de Oliveira Nunes, com uma quota do valor nominal de 80 000\$00.

Está conforme o original

Faro, 10 de Fevereiro de 1967

O Notário,

Luiz Augusto da Silva e Sabbo

No entanto, ao que nos consta, a acção policial tem visado só os artigos abertos e exclusivamente obscenos, pois continuamos a ver circular e vender revistas que se inculcam de decentes com capas em que exibem nudismos provocantes, calendários e livros de anedotas onde, com o rótulo de humorismo se contam histórias e se ilustram piadas de indole nítidamente soez e impróprias para entrar em casa de gente decente.

E ao lado d'isto, há as histórias de quadrinhos que, cremos, estão a prejudicar a infância e a juventude sobre três aspectos: 1) aspecto educativo porque em regras se baseiam na violência e no sadismo;

2) aspecto desnacionalizante, porque desprezam os valores nacionais e tradicionais, designadamente a língua pois os textos embora escassos, vêm num brasileirismo que se converte em luso-bundes;

3) aspecto didáctico, porque as crianças se habituam a digerir as histórias mais pela imagem que pela leitura.

Daí, não se habituam a ler e a raciocinar sobre o texto e chegam aos livros de estudo, e porque lhes falta o boneco, o quadrinho, pôem de parte a leitura e a interpretação por inacessível e fastidiosa. E, claro está, não adquirem vocabulário e redigem lastimosamente.

Vejam-se as dificuldades dos estudantes dos primeiros anos dos liceus (e dos restantes se não conseguem reagir à preguiça mental) na disciplina de Português (interpretação e redacção) e nas outras (interpretação e raciocínio).

Esta conclusão não é exclusivamente nossa. Um ilustre professor do liceu, daqueles que ensinam a matéria e estudam o clero, concordou connosco quando lhe suscitámos o problema.

Se a juventude é o nosso 1.º capital porque se não presta atenção a esta pequenina grande coisa?

Se a Censura zela por evitar a má informação e a deformação da opinião política, porque não passa a zelar pelos problemas da formação moral e educacional dos jovens?

Se se decreta a vacinação obrigatória, que envolve uma «ofensiva» à integridade física do vacinando, porque se não aplicam uns «sinapismos» a esses autores e editores de literatura de letaria, em que só se feria a integridade da bolsa? Os géneros alimentícios de ordem espiritual não prejudicam só quem os «come», mas podem ser a ruína de uma geração inteira com as suas naturais repercuções no futuro de um país.

As nossas felicitações a «Novidades», com as notas de substancial resultado.

J. R.

VENDE-SE

UM PRÉDIO grande em Loulé (antiga Pensão Castanho), junto ao Mercado, 1.º andar, com chave na mão.

Tratar na Rua da Matriz n.º 4 — LOULE.

PRÉDIO

Vende-se um prédio no Largo João XXIII, com 7 divisões e quintal.

Tratar com Manuel Viegas, Rua Afonso de Albuquerque, 66 — Lou

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Março:

Em 17, a menina Maria Margarida Vasques do Nascimento. Em 18, os srs. Felisberto Mestre Marum e António Silvestre Pinguinha, residente na Guiné.

Em 20, as sr.ªs D. Maria Isabel dos Santos Ferreira e D. Maria da Luz Pires Guerreiro Cavaco, residente em Castro Verde, e a menina Hercília Maria Rosa da Fonseca e o menino Francisco Manuel Lopes Encarnação, residente em Reguengos de Monsaraz.

Em 21, as meninas Erlinda Nunes da Piedade e Maria José Ramiro Mendonça e o sr. José Bento Batel, residente em Lisboa.

Em 22, as meninas Maria Antonieta Pontes Barros e Maria Cecília Oliveira Calado.

Em 23, as sr.ªs D. Maria dos Santos Gonçalves e D. Maria de S. José Adro Gago, a menina Maria José Calijo, e o sr. Alexandre Bento Carrilho.

Em 24, a sr.ª D. Maria Gabriela Vaz de Barros Vasques e o sr. Faustino de Jesus Pinguinha.

Em 26, a sr.ª D. Deolinda Mendes, residente na Austrália e o sr. João Maria Martins da Silva.

Em 27, a menina Virginia Guerreiro Alcaria, residente na Venezuela.

Em 28, a sr.ª D. Maria José Pina e os srs. António Joaquim Mendes Pinguinha, residente na Venezuela e Alexandre João do Nascimento, residente em Bolióquime.

Em 30, o sr. Casimiro José da Piedade Mata e a menina Cidá Maria Carrusca Gualdino, residente no Canadá.

Em 31, o menino José António Figueiras Aranha.

Fazem anos em Abril:

Em 1, os srs. Arquitecto Eurico Pinto Lopes, residente em Timor, Octávio Rodrigues Coutreiras e Octávio José Martins, residente na Venezuela, e a menina Maria da Silva Guerreiro e a sr.ª D. Maria de Brito Figueiras.

Em 2, a sr.ª D. Maria de Lourdes do Nascimento Jacinto.

Em 3, os srs. José Guerreiro Farrajota Cavaco, Francisco José Ramos e Barros Júnior e Eng. Alexandre Guerreiro Correia Fraude, residente no Porto.

Em 4, as sr.ªs Dr.ª D. Maria Iolanda Pinheiro Pinto Wanhoen, residente em Lisboa, D. Gertrudes Maria Duarte Cavaco e D. Maria da Glória Silva Leal Rocheta.

Em 7, a menina Marinete de Brito Andrade.

Em 8, os srs. João Manuel da Conceição Domingues, Carlos Alberto Feio Bolotinha, José das Neves de Sousa e José Maria Plácido Calijo.

PARTIDAS E CHEGADAS

Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria de Lurdes Bexiga e de sua filhinha Anabela, esteve durante algum tempo entre nós, o nosso prezzo assinante, sr. João Correia Bexiga, residente nos Estados Unidos.

— Retirou para Angola, onde foi colocado na P. S. P. o nosso prezzo assinante sr. Francisco Martins.

— De visita e seus pais, passou uma temporada na Venezuela a sr.ª D. Maria Inês Ramos Cecília, filha do nosso prezzo assinante naquele país sr. Joaquim de Sousa Cecília.

CASAMENTOS

No passado dia 26 de Fevereiro, celebrou-se no Santuário

de Nossa Senhora da Piedade em Loulé, o enlace matrimonial do sr. Jorge Elias Pinheiro, filho do sr. Francisco José Pinheiro e da sr.ª D. Maria Etilvina Elias Pinheiro, residentes em Faro, com a menina Cesaltina Maria Guerreiro Madeira, prendada filha do nosso prezzo assinante, sr. Luis Madeira Faustudo e da sr.ª D. Maria da Piedade Guerreiro, recentemente chegados da Venezuela.

Apadrinharam o acto por parte da noiva, os seus padrinhos de baptismo sr. Manuel Madeira Caetano, comerciante e sr.ª D. Maria da Glória Guerreiro Madraca Caetano e por parte do noivo o sr. Dr. António C. Silva Santos,



O jovem casal após a cerimónia

professor de Belas Artes e sua esposa sr.ª Dr.ª D. Alexandra Alice Silva Santos, professora liceal.

Foram padrinhos de honor o sr. Rui Manuel Gago Antão e a menina Mariana Ediges Guerreiro Madeira, estudantes, os quais prenderam o cortejo composto 8 damas de honor e respectivos cavalheiros.

Após a cerimónia foi servido um finíssimo copo de água na Sociedade Recreativa Artística Farense, durante o qual tocou a orquestra «Os Ca ser». Estiveram presentes cerca de 250 convidados, entre familiares e amigos dos noivos.

— Celebrou-se no passado dia 19 de Fevereiro o enlace matrimonial (por procuração) do sr. Manuel Costa Gonçalves, residente na África do Sul, filho do sr. António Gonçalves (já falecido) e da sr.ª D. Glória Maria com a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Francisca de Azevedo Lima, filha do sr. Libório Januário e da sr.ª D. Maria Azevedo Lima.

Apadrinharam o acto, que foi celebrado pelo Rev. Padre António José Cavaco Carrilho, a menina Maria Alexandra Cavaco Carrilho e o sr. José dos Santos Silvestre.

— A «Voz de Loulé» saúda os novos casais e augura-lhes imensas felicidades.

FALECIMENTOS

Com a idade de 65 anos, faleceu há dias no Estoril, o nosso conterrâneo sr. Mário Santos Martins, inspector do Banco Português do Atlântico, casado com a sr.ª D. Rosa Naias Santos Mortins e pai da sr.ª D. Maria Suzete Dias Costa Reis Gonçalves.

— Faleceu no passado dia 18 de Janeiro em Aljustrel, a sr.ª D. Maria das Dores Pacheco de Sousa, casada com o sr. Francisco de Sousa.

A saudosa extinta, era mãe das sr.ªs D. Maria do Carmo Pacheco de Sousa Martins e D. Aurélia do Carmo Pacheco de Sousa Vieira de Carvalho e dos srs. Fausto Inácio de Sousa Martins e Francisco de Sousa Pacheco.

A todas as famílias enlutadas, apresentamos as nossas sentidas condolências.

Agradecimento

José da Costa Alves, já restabelecido da grave doença que o acometeu, e profundamente sensibilizado com as inúmeras provas de amizade e simpatia que recebeu durante a mesma, vem agradecer, muito reconhecido, a todas as pessoas que por qualquer forma lhe manifestaram os desejos das suas melhorias, não podendo esquecer o hábil médico sr. Dr. Pulido Garcia, pela forma dedicada como o tratou no decorrer da enfermidade.

— A todos, a sua ilimitada gratidão.

Nitrato de Cálcio

único adubo azotado de cobertura de efeitos mais rápidos. Pode aplicar-se em todas as culturas, em todas as estações, e em todos os terrenos.

As vezes as mãos ressentem-se com a sua distribuição. Para proteção das mãos.

Nitratos de Portugal

únicos fabricantes, através dos revendedores, fornecem, gratuitamente, luvas especiais mandadas fazer para o efeito e informam que na próxima Campanha, após a ampliação industrial em curso, a granulação do



Nitrato de Cálcio

já virá de forma a permitir a distribuição mecânica.

Adube bem em qualidade e quantidade.

Não poupe nos adubos!

FUTEBOL

TERMINOU O DISTRITAL DA I DIVISÃO O LOULETANO OCUPOU O 8.º LUGAR



Foi jogada a última jornada do Distrital da 1.ª Divisão, a mais importante prova disputada no plano distrital. Durante 18 jornadas o público afecto ao desporto rui vibrar com o inédito interesse despertado. Se é certo que um lote de clubes demonstrou de início o seu maior valor, rão menos certo é que os restantes se empenham numa luta entusiasta, revelando espírito combativo e encarando cada encontro como se de uma final se tratasse. Saí vencedor o Sporting Clube Farense que deste modo conquistou a taça «Manuel da Luz Afonso». Este grupo e o Lusitano Futebol Clube, de Vila Real de Santo António, vão disputar o Nacional da 3.ª Divisão. A prova começa no dia 2 de Abril e a série dos nossos representantes fazem parte 2 equipas do distrito de Beja e igual número de Évora.

O Louletano ocupou o 8.º lugar. Mantendo-se invicto nas quatro primeiras jornadas (recordemos que derrotou o Boavista e o Fuseta extra-muros e empatou com a Lusitano e Faro e Benfica), houve depois um período de quebra. Assim é que durante seis domingos a equipa local não obteve

um ponto, perdendo os encontros disputados com o Sambrasense, Silves, Farense, Moncarapachense, Lagos e Lusitano. Depois derrotou o Boavista por 2-1 e voltou a perder com o Faro e Benfica e o Fuseta. Nos encontros da 2.ª volta com o Sambrasense e o Silves alcançou dois empates. Nas derrotas jornadas foi derrotado o Louletano pelo Farense e Moncarapachense e empatou com o Lagos. Não foi brilhante é certo a carreira do Louletano, mas cremos bem que tudo fizeram para alcançar o melhor posto. De qualquer modo, é justo salientar o empenho de dirigentes, atletas e sócios (foi facto assinalado a presença em todos os encontros de entusiastas louletanos). Não incluindo ainda dois encontros que falta disputar (Lagos - Fuseta e Boavista - Lusitano), a classificação ficou assim ordenada:

| | | |
|------------------|---------|---------|
| 1.º Farense | (90-17) | — 33 p. |
| 2.º Lusitano | (55-8) | — 25 » |
| 3.º Faro e Ben. | (37-31) | — 22 » |
| 4.º Sambrasense. | (49-35) | — 20 » |
| 5.º Moncarapa. | (29-48) | — 15 » |
| 6.º Fuseta | (21-40) | — 14 » |
| 7.º Silves | (22-32) | — 14 » |
| 8.º Louletano | (18-47) | — 11 » |
| 9.º Boavista | (18-60) | — 9 » |
| Lagos | (18-47) | — 9 » |

QUER ACOMPANHAR-ME?

(Continuação da 1.ª página)

que havia uma duplação de jurisdições para estas igrejas das Ordens Militares: estavam sujeitas às Visitas da Ordem e às do Ordinário e dai provinham, às vezes, graves dissensões, apesar do Compromisso feito em 1559 entre as duas entidades para regular os seus respectivos direitos.

Uma das obrigações dos cristãos, a partir do século XI, era o pagamento dos dízimos, ou seja a décima parte das suas colheitas, à Igreja para a sustentação do culto e dos seus ministros. Esta instituição já vinha do Antigo Testamento. Naturalmente por isso algumas seitas protestantes, dessas rafeiras que por ai pululam, vêm exigindo aos seus aderentes o dízimo dos rendimentos, com que se repartem uns figurões e umas figuronas, que a gente não sabe de quem receberam missão divina para se arvorarem em chefes, pastores ou lá o que é... E o mais engraçado é que certas pessoas, a quem repugnava dar ao padre da sua freguesia uma contribuição pouco mais que simbólica, vêm depois «entregar-se» e entregar com larguezas os seus rendimentos a esses «abnegados dízimadores»...

— Sim! Sim! Deixemo-los em paz. Estamos na era do «diálogo». Voltemos ao nosso «diálogo», em que só eu falo... Vamos agora respigar nos livros das Visitas alguns elementos que nos permitem confirmar ou corrigir os dados anteriormente fornecidos e encontrar curiosidades históricas sobre a corporação que exerceu o culto divino durante séculos, dentro destas venerandas paredes.

A primeira Visita da Ordem, que é de 1555, dá como componentes da Colegiada apenas o Frior e mais quatro Beneficiados e o Tesoureiro. Dos Beneficiados, que todos eram «obrigados a cantar suas horas canónicas dentro da igreja segundo o costume e ajudar a todos os ofícios divinos e a dizerem as missas», dois eram pagos à custa da Ordem e os outros dois à custa do Bispo e Cabido de Silves. «Os dois primeiros eram apresentados por «El-Rei Nossa Senhor», como governador da Ordem, e confiados pelo Bispo.

O Tesoureiro era apresentado pelo Bispo, conforme o tal Compromisso de 1559.

Como vê, faltam dois Beneficiados, que devem ter sido criados mais tarde.

Ficamos ainda a saber por esta Visita o elenco da Colegiada nessa altura: Prior Belch'or Luiz, do Hábito de Santiago; Beneficiados do mesmo Hábito: João Vaz e Francisco Roiz. Os outros dois eram: Gonçalo Fernandes e Sebastião Jorge. O Tesoureiro chamava-se António Vaz e pertencia à Ordem de S. Pedro (?).

E liberto o hoje de mais raiadas de história, reservando-lhe para o próximo encontro umas pitorescas referências que algo o divertirão...

Alvaro Pais

VENDE-SE

uma casa na Rua Eng.º Duarte Pacheco, 22.

Trata Apartado 27 — LAGOS.

COLMEIAS

VENDEM-SE

Tratar com Manuel Mestre — Rua de Portugal, 76 — LOULE.

PRÉDIO

Vende-se um prédio de Rés-do-chão e 1.º andar, com 18 compartimentos e 2 grandes quintais. Largo Professor Cabrita n.º 8, 9, 10, 11 e 12.

Informa a Casa Vargas, Tel. 253 — LOULE.

CAVE

Aluga-se a cave de 2 prédios situados na Rua Eng.º Duarte Pacheco, n.ºs 2 e 4 — Loulé.

Tratar no n.º 4 da mesma rua.

CARTAS... DE EMIGRANTES

(Continuação da 1.ª página)

É bem certo que ao lado de algumas barracas se encontravam bons automóveis e entre eles alguns dos últimos modelos, esses que fazem a inveja dos que estão quando estes lá se deslocam na altura de férias.

Era bom que estes quando lá se deslocassem e aí se apresentassem com carros contassem a maneira como aqui vivem e as privações que têm de passar.

Em conversa com um deles que se encontra a barracar num desses bidonvilles fiz-lhe notar as condições em que vivia, respondeu — tem que ser assim, pois há poucos meses que estou em França e ganho 20 francos por dia o que mal dá para comer, mas como não pago casa sempre se torna a vida um pouco mais barata.

— Então e foi você que fez a barraca? Não, comprei-a por mil francos o que equivale em moeda portuguesa 5.800\$00 a um cuto português que passou o seu tempo disponível na construção de barracas para venda. É assim que vivem mais de 65% dos emigrantes portugueses em condições em que tudo lhes falta. Há bem pouco tempo a R. T. F. apresentou um documentário do bidonville da Champiguy, juntando na projeção o comentário à maneira de como lá se vive.

Não vêm estes portugueses que, ao habitarem em semelhantes condições, privando-se do mínimo de condições exigidas que lhes são roubados alguns anos de vida e não lhes saíram de barata a sua estadia como colocam também em situação desfavorável a colónia portuguesa aqui residente. O que acaba de ler é um pouco da verdade do muito que ainda ficou para escrever.

Saint-Ouen 4/3